

**MANOEL DE BARROS: UM NOVO OLHAR PARA A CRIANÇA –
RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA INFÂNCIA NA POESIA
DE MANOEL DE BARROS**

Thais Baldo de Souza¹

Amanda Cristina Teagno Lopes Marques²

Resumo

Neste artigo, propõe-se um novo olhar para a criança, relacionando o reconhecimento e a valorização desta à obra do poeta Manoel de Barros. O artigo também justifica a potência e a importância de as crianças serem ouvidas como agentes históricos e sociais produtores de cultura dentro da sociedade. Do ponto de vista metodológico, a investigação ancora-se em pesquisa bibliográfica sobre a temática “infância”, tendo como principais referenciais Sarmento (2002), Corsaro (2011), Kohan (2008), dentre outros, articulando as concepções discutidas à representação de infância na obra do poeta Manoel de Barros. Como resultados, consideramos que Manoel de Barros, sem falar diretamente sobre e/ou para crianças, consegue trazer o reconhecimento da infância por meio de seus versos desprendidos de um olhar adultocêntrico.

Palavras-chave: Infância. Criança. Manoel de Barros. Poesia. Sociologia da Infância.

Abstract

This article proposes a new look to the child, relating its recognition and value to the work of poet Manuel de Barros. The article also justifies the potency and the importance of listening the children as historic and social agents producers of culture inside society. From the methodological point of view, the investigation anchor itself in its bibliographical research about the thematic of childhood, having as main references Sarmento (2002), Corsaro (2011), Kohan (2008), among others, articulating the conceptions discussed to the childhood representation on the work of the poet Manoel de Barros. As results, its considered that Manoel de Barros, without talking directly about or to children, is able to bring recognition of childhood through his verses loosen from an adult-centered look.

Keywords: Childhood. Child. Manoel de Barros. Poetry. Childhood Sociology.

Introdução

[...] pesquisar criança é um pouco buscar algo novo para nós e para elas, é buscar esse mundo que virá, nesse regime de visibilidade que vivemos. Quando pesquisamos crianças, acho que também nós procuramos algo de novo naquilo que virá, e que em alguma medida a criança pode anunciar (além do passado e do presente). (FARIA; FINCO, 2011, p. 21)

¹ Licencianda em Letras-Português, IFSP/Campus São Paulo. E-mail: thaisbaldo@hotmail.com

² Doutora em Educação/USP, docente do Departamento de Humanidades/Letras-Português, IFSP/Campus São Paulo. E-mail: amandamarques@ifsp.edu.br

Este artigo tem por objetivo propor uma aproximação ao universo infantil por meio da poética de Manoel de Barros, dialogando com autores que discutem a infância, em especial aqueles do campo da denominada Sociologia da Infância, que ressalta a relevância de se conceber a criança como agente histórico-social e produtor de cultura.

É para uma infância reconhecida e valorizada em sua potência lúdica, brincante e de força política que Manoel nos transporta. Por meio da importância conferida às coisas desimportantes em sua poética, o autor traz a possibilidade de o mundo ser outra coisa enaltecendo os restos. Partimos da hipótese de que Manoel traz a criança estando no mundo, dando sentido e significado a ele por meio da brincadeira. O autor permite-nos, também, reconhecer a importância de escutar as crianças, entendendo-as como seres capazes de contribuir para a produção de cultura do mundo.

O presente artigo está organizado em três seções: na primeira, apresentamos a contribuição de autores que discutem a infância, especialmente aqueles vinculados à perspectiva sociológica da infância, considerando o movimento que justifica e demonstra a potência da criança; a seção seguinte, por sua vez, propõe um diálogo entre esta perspectiva e a poesia de Manoel de Barros, fazendo-o por meio da seleção de trechos de suas obras literárias que refletem a sua criação poética realizada sobre a infância reconhecida e valorizada em seu movimento imaginativo, brincante, e político. Ao final, apresentamos algumas considerações.

As crianças e sua potência

Grande é a poesia, a bondade e as danças...
Mas o melhor do mundo são as crianças.
(Fernando Pessoa)

A criança é responsabilidade de toda sociedade: dos pais, do governo, da escola, dos parentes e até mesmo dos vizinhos. Cada criança que nasce pertence ao todo da humanidade, e as crianças possuem a capacidade de ter empatia por tudo, pelas pessoas, coisas e natureza (O COMEÇO..., 2016). São sujeitos ativos e criativos na sociedade, produtores de cultura e não apenas reprodutores das culturas adultas ou folhas em branco que necessitam ser preenchidas (CORSARO, 2011).

Para Corsaro (2011), as crianças já começam a vida como seres sociais capazes de interagir com o outro e construir os seus próprios mundos sociais. É também por meio da interação com os colegas na pré-escola e em outros espaços de convívio que produzem suas culturas de pares:

O processo é reprodutivo no sentido em que as crianças não só internalizam individualmente a cultura adulta que lhes é externa, mas também se tornam parte da cultura adulta, i. é, contribuem para a sua reprodução através das negociações com adultos e da produção criativa de uma série de culturas de pares com outras crianças. (CORSARO, 2011, p. 115)

Portanto, a ideia preconcebida, que é histórica, de que a criança está sempre à mercê daquilo que os adultos lhe ensinam vem sendo superada à luz das perspectivas de autores do campo da denominada Sociologia da Infância. Esse campo de estudos questiona a concepção clássica de socialização (segundo a qual a criança é compreendida somente como objeto do processo), reconhecendo a atividade da criança no processo de reprodução e de produção culturais; como indica Corsaro (2011), as crianças inserem-se ativa e criativamente no mundo e não simplesmente internalizam elementos dele, mas essencialmente os recriam, incorporando-os às culturas infantis. As culturas infantis, por sua vez, são alimentadas por elementos da cultura mais ampla, e também alimentam a cultura.

Por “culturas da infância”, entende-se “a capacidade das crianças em construir de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos do modo adulto de significação e ação” (SARMENTO, 2003, p. 3-4). Ainda de acordo com Sarmiento (2003), formas e conteúdos das culturas infantis são produzidos em uma “relação de interdependência com culturas sociais atravessadas por relações de classe, de gênero e de proveniência étnica” (SARMENTO, 2003, p. 4), o que implica considerar que a criança faz parte da sociedade, recebe influência do contexto no qual se insere e o influencia também.

Cabe destacar que a perspectiva com a qual dialogamos propõe a percepção da infância como construção social, componente estrutural da sociedade, trazendo a criança como ator e sujeito produtor de cultura. Considerar a infância uma categoria social do tipo geracional (SARMENTO, 2005) implica entender que a infância faz parte da sociedade e exerce um papel no contexto social mais amplo; implica também reconhecer o impacto que as condições sociais exercem sobre a vivência da infância, o que nos leva a identificar várias infâncias, a depender do tempo, do espaço e das representações que se fazem sobre ela. O conceito permite-nos distinguir as especificidades da infância em relação à idade adulta e evidenciar sua permanência na sociedade, independentemente dos sujeitos que a compõem – as crianças crescem, mas a infância permanece na sociedade enquanto forma estrutural.

Considerar a criança como pessoa implica, por outro lado, reconhecer a dependência em relação ao adulto como uma característica definidora da infância. Como parte da estrutura social, a infância está exposta a forças como os outros grupos, porém de maneira ainda mais

devastadora, pois a criança depende economicamente do adulto e é jovem demais para reclamar por políticas de proteção. Nesse sentido, Qvortrup (1994) alerta para a degradação das condições materiais de vida das crianças, apontando para a necessidade de criação de políticas de suporte à família que tenham como foco a infância. As crianças, como cidadãs, precisam ter assegurado seu direito à *participação, provisão e proteção* (QVORTRUP, 1994).

A perspectiva da sociologia da infância rompe, também, com a compreensão da psicologia clássica, segundo a qual o imaginário infantil é concebido em termos de *déficit*; nessa perspectiva, entende-se que as crianças conseguem imaginar o mundo porque são carentes de objetividade em seus pensamentos e os seus laços com a realidade não estão perfeitamente formados (SARMENTO, 2002). A perspectiva sociológica na qual embasamos esta discussão, ao revés, considera o imaginário como inerente ao quadro das culturas da infância, sendo um modo de apropriação particular da realidade social:

A incorporação do imaginário no conhecimento do mundo, que é inerente às gramáticas das culturas da infância, corresponde a um resgate do sensível na interação com a natureza e com os outros. O imaginário infantil é um fator de conhecimento, e não uma incapacidade, uma marca de imaturidade ou um erro. (SARMENTO, 2002, p. 16)

Nesse sentido, o universo infantil, em toda sua ludicidade e imaginação, não exclui a criança da sociedade e tampouco a coloca como um ser inferior aos outros, possuidora de algum tipo de “*déficit*”. O imaginário infantil passa a ser entendido como uma forma específica de relação da criança com o mundo e permite à criança alterar a linearidade temporal e navegar entre dois mundos – o real e o imaginário –, que coexistem na forma de racionalidade específica da criança. A diferença entre o jogo da criança e o jogo do adulto deixa de ser vista como imaturidade infantil e passa a ser concebida como um princípio de transposição imaginária do real que é radicalizada pelas crianças. Portanto, o imaginário infantil se enquadra na ordem da diferença e não do *déficit*. (SARMENTO, 2002)

Em síntese, a capacidade imaginativa inerente à criança é um fator de conhecimento, supondo que é a única possibilidade de configurar história, visto que designa o momento de entrada na linguagem, sem a qual nem chegaríamos à adultice. A infância, em vez de ser um momento “sem fala”, é a única possibilidade de se constituir fala. Se não há constituição da linguagem na infância, a dificuldade será maior em constituí-la na fase adulta (FARIA; FINCO, 2011).

Psicólogos, pedagogos, neurocientistas, e até mesmo economistas, apontam: “Como adultos devemos tentar entender o que é ser criança”. Além disso, discorrem sobre a

necessidade de ouvi-las, uma vez que, quando as crianças não são escutadas, o mundo as perde, e elas possuem coisas valiosas a serem ditas. (O COMEÇO..., 2016)

Ademais, o tempo da criança é o tempo presente e o seu ritmo é aquele de descoberta, um construir baseado em colocar tijolos, um por um, em cima do outro. É preciso entender e acompanhar o tempo da criança, deixá-la descobrir e construir sua concepção de mundo sem ignorar aquilo que anuncia, pois

os primeiros anos são como construir a estrutura de uma casa. É a estrutura sobre a qual todo o resto se desenvolverá. Os bebês aprendem nos primeiros três anos de vida como jamais aprenderão de novo.

[...] cientistas do mundo todo estão numa corrida para tentar entender como o cérebro jovem pode aprender tão rapidamente. É uma época muito mágica e muito importante para o resto da vida. (O COMEÇO..., 2016)

Sendo assim, há uma relevância em pensar que toda criança traz em si um futuro que ainda não chegou e será inventado, é uma surpresa para toda a humanidade, um tempo que não somos e que não temos mais. E o seu desenvolvimento depende da importância que os pais, a sociedade e o governo dão à sua fala, à sua necessidade de descoberta e ao seu direito de exprimir sua opinião. Encará-las como sujeitos ativos que constituem a linguagem durante a infância e capazes de contribuir para a cultura da sociedade implica um novo olhar sobre a criança, retirando-a desse lugar inferior e discriminante em relação a sua potência.

Reportar a criança a partir do adulto é um movimento absolutamente adultocêntrico. A perspectiva com a qual dialogamos neste artigo, por sua vez, destaca a importância de dar voz às crianças, trazendo em seus movimentos inversões instigantes, novas perspectivas sobre a infância e uma resistência ao adultrocentrismo.

A falta de importância conferida à voz da criança mostra-se algo recorrente na sociedade, o que pode ser associado à consideração da criança como parte das classes minoritárias, como os negros e as mulheres, por exemplo. Minoritárias não em questões numéricas, mas como categorias que possuem vozes, porém, estas não ressoam na sociedade. (FARIA; FINCO, 2011)

Mesmo que pareça que todos podem falar, não são todos que falam. A questão a ser tratada na próxima seção é como a poesia pode dar voz a essa subalternização recorrente da infância por meio do movimento político de Manoel de Barros em enaltecer os restos e dar importância às coisas desimportantes por meio de seus versos.

Um novo olhar imenso às crianças: estabelecendo diálogos entre infância e poesia de Manoel de Barros

Manoel de Barros criou versos que aumentaram o mundo, sendo considerado um dos poetas mais relevantes da literatura brasileira. O poeta, conhecido por dar importância às coisas desimportantes, e ser marcante por sua escrita de preferência ao conjunto das coisas residuais que representam a sobra da sociedade, traz consigo o enaltecimento das coisas reais, o despertar de um encantamento para as coisas que nessa curta vida valem a pena, estabelecendo uma cumplicidade poética com o insignificante:

Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que as dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
(BARROS, 2015, p. 122)

O autor, ao ser entrevistado no documentário “Só dez por cento é mentira”, fala sobre a relação entre infância e poesia. Segundo Manoel, quando é pedido a ele que escreva sobre outros capítulos de sua vida, como a mocidade ou a velhice, não é possível; ele declara que só teve infância e só sabe escrever sobre a infância.

Sua poesia é marcada por invenções, sendo conhecido como o poeta do “deslimite” da palavra, onde inventa um “glossário de transnomações em que não se explicam alguma delas (nenhumas) ou menos” tornando sua biografia uma “desbiografia”, sendo tamanha a beleza de suas invenções na poesia que não seriam encontradas verdades:

Árvore, s.f.
Gente que despeta
Possessão de insetos
Aquilo que ensina de chão
(BARROS, 2016, p. 51)

Em sua criação poética, Manoel afirma que a poesia nasce não do existir (um paradoxo presente em sua ordem do poético), e sim, do inventar. E a invenção, segundo ele, é um negócio profundo, uma coisa que serve para aumentar o mundo (SÓ DEZ..., 2002):

Tenho uma confissão a fazer:
Noventa por cento do que escrevo é invenção
Só dez por cento é mentira.
(SÓ DEZ, 2002)

O autor não escreveu especificamente para o público infanto-juvenil e tampouco realizou pesquisas científicas acerca do universo da criança. Considerou, apenas, a criança como semente de sua escrita, considerando-se um “caçador de achadouros da infância” (BARROS, 2015). Em seus versos, não há como ressaltar um olhar previsível e adultocêntrico sobre as coisas e/ou o mundo.

No entanto, a sua imprevisibilidade em definir as coisas sob um olhar lúdico e não adultocêntrico; o seu paradoxo em enaltecer os restos e as sobras; em amar aquilo que é reles, tendo empatia por tudo e por todos; em mergulhar na vida por meio da invenção, da brincadeira com as palavras e da sua descoberta de significância para aquilo que é considerado insignificante pela maioria dos adultos o aproximam da concepção Sociológica da Infância:

Somos seres simbólicos. Somos seres brincantes. É na infância, no seu decorrer, que estruturamos capacidades de ação e simbolização, e o brinquedo é a forma mais completa de lidar com elas. Brincar, portanto, deixa de ser somente um direito para se tornar o espaço de liberdade, de criação. Através da brincadeira a criança mergulha na vida, criando um espaço que expressa, que atribui sentido e significado aos acontecimentos. (MULLER; CARVALHO, 2009, p. 123)

Manoel atribui sentido e significado à insignificância das pessoas e do mundo por meio da brincadeira de ultrapassar os limites das palavras, de trazer o leitor para um êxtase de encantamento através da simplicidade em transformar seu quintal de poesia maior que o mundo, de achar mais importante fundar um verso do que uma usina atômica. Sua poesia chega ao grau de brinquedo por meio da sua invenção, da inversão da ordem sintática de suas orações, da sinestesia e da simplicidade lúdica de seus versos:

...Sabe que a lua
Tem gosto de vaga-lume para as margaridas.
Precisa muito de sempre
Passear no chão. Aprende antro e estrelas.
(Tem dia o sapo anda estrelamente!)
(BARROS, 2016, p. 33)

Dentro da perspectiva Sociológica da Infância desenvolve-se a ideia de que a criança está no mundo por meio da brincadeira (CORSARO, 2011); também Sarmiento (2002) discute a infância por uma perspectiva de autoria infantil, com culturas pautadas pela ludicidade,

fantasia do real e necessidade de interagir com os outros. São discussões acerca da infância que acordam com as características elementares da poesia de Manoel de Barros, já que a brincadeira com as palavras, a invenção, a subjetividade e a ludicidade são elementos marcantes de sua construção poética.

Essa sensibilidade em apresentar em estado de latência o universo infantil e estar totalmente desprendido de um olhar adulto sobre o mundo traz para a poética de Manoel acontecimentos inusitados e invenções imprevisíveis que demonstram a importância e o encanto que podem ter conhecer as crianças sob um novo olhar sociológico da infância:

Conhecer as crianças enquanto grupo que se relaciona e cria sentidos e significados para o mundo requer tempo, sensibilidade e, principalmente, desprendimento de um olhar adultocêntrico viciado.

Portanto, aproximar-se do universo infantil requer um olhar de revelação que precisa estar aberto à novidade, para os acontecimentos inusitados, que só se torna possível sem as amarras determinadas por saberes e verdades previsíveis. (MULLER; CARVALHO, 2009, p. 118)

Ademais, colocar o seu fazer poético dentro do âmbito dos restos e construir versos que enaltecem as coisas e os seres desimportantes suscita como uma de suas estratégias literárias a metalinguagem. Refletir sobre o fazer poético equiparando-o a coisas baixas e reles traz a questão da desvalorização da poesia e de seu lugar marginalizado:

...O prédio era de estilo bizantino do século IX.
Colosso!
Mas eu achei as pombas mais importantes do que
o prédio.
Agora, hoje, eu vi um sabiá pousado na Cordilheira
dos Andes.
Achei o sabiá mais importante do que a Cordilheira
dos Andes.
O pessoal falou: seu olhar é distorcido.
Eu, por certo, não saberei medir a importância
das coisas: alguém sabe?
Eu só queria construir nadeiras para botar
nas minhas palavras.
(BARROS, 2015, p. 104)

Assim como a poesia está à margem, as crianças também estão. E por meio de seus versos, Manoel abre o nosso olhar para uma nova concepção da infância, para o movimento e a força política que possuem a poesia e as vozes das crianças.

Considerações finais

As coisas não querem mais serem vistas por pessoas razoáveis. Elas desejam ser olhadas de azul – que nem uma criança que você olha de ave.

(Manoel de Barros, “XIII”. In: O livro das ignoranças)

Pesquisar o universo infantil é abrir-se a novos olhares para o mundo e para a criança e sua potência. Sensibilidade, curiosidade e aprendizado como processo de autopercepção e percepção do mundo configuram a criança como um ser histórico e social capaz de construir cultura de forma criativa, rica e humanizadora.

Ademais, as crianças são sujeitos que possuem empatia por tudo e por todos e o tempo todo anseiam descobrir e aprender, estabelecendo contatos por meio dos seus cinco sentidos. Esse aspecto sensorial, sinestésico, lúdico, inteligente, criativo e, principalmente, esse olhar de descoberta para o novo de forma imprevisível e cheio de disposição aproxima as crianças da linguagem poética.

Manoel de Barros, sem falar diretamente sobre e/ou para crianças, consegue trazer esse reconhecimento e valorização da infância por meio de seus versos desprendidos de um olhar adultocêntrico. Ora ele traz a infância com toda sua riqueza em estado de latência, ora nos confunde sendo a própria criança que seus versos são por inteiro.

O poeta que fala sobre o mundo por meio da importância que dá aos “inutensílios” e aos “seres desimportantes” nos salta os olhos para o que realmente importa e, muitas vezes, acaba passando sem ser notado. Seus poemas são cirandas cheias de vida.

Uma criança que não é ouvida, que não recebe afeto e não é cuidada tem seu desenvolvimento e visibilidade comprometidos. Manoel, que dá voz à riqueza da capacidade inventiva e dos olhos curiosos de uma criança, oferece-nos a possibilidade de aumentar o mundo e olhar para as nossas crianças como grandes inovadoras, cheias de movimentos políticos em suas falas e seres ativos dentro da sociedade.

Três personagens me ajudaram a compor estas memórias. Quero dar ciência delas. Uma, a criança; dois, os passarinhos; três, os andarilhos. A criança me deu a semente da palavra. Os passarinhos me deram desprendimento das coisas da terra. E os andarilhos, a preciência da natureza de Deus.

... O outro parceiro de sempre foi a criança que me escreve. Os pássaros, os andarilhos e a criança em mim são meus colaboradores destas Memórias inventadas e doadores de suas fontes.

(BARROS, 2015, p. 127)

Referências

BARROS, Manoel de. *Arranjos para assobio*. São Paulo: Alfaguara, 2016.

_____. *Meu quintal é maior do que o mundo*: Antologia. São Paulo: Alfaguara, 2015.

_____. *Meu quintal é maior do que o mundo* [recurso eletrônico] / Manoel de Barros. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

CORSARO, William A. *Sociologia da Infância*. Traduzido por: Lia Gabriele Regius Reis. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

_____. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz de conta” das crianças. *Educação, Sociedade e Culturas*, n. 17, p. 113-134, 2002.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. *Sociologia da infância no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2011.

MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez, 2009.

O COMEÇO da vida. Direção: Estela Renner. Produção: Estela Renner, Luana Lobo e Marcos Nisti. Brasil: Maria Farinha Filmes, 2016. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br>>. Acesso em: 1º jun. 2017.

QVORTRUP, J. Childhood Matters: An Introduction. In: QVORTRUP, J. et. al. *Childhood Matters: Social Theory, Practices and Politics*. Aldershot: Avebury, 1994.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância. *Educação e Sociedade*, n. 26 (91), p. 361-378, 2005.

_____. *Imaginário e culturas da infância*. Instituto de Estudos da criança, Universidade do Minho, 2002. Disponível em: <http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.

SÓ DEZ por cento é mentira. Direção: Pedro Cezar. Produção: Pedro Cezar, Kátia Adler e Marcio Paes. Brasil: Artesanato Eletrônico, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VG4P_mWWAI0&t=194sb>. Acesso em: 5 maio 2017.